

A relação socioeducativa como prática de relação de dádiva¹

*Gastão Ribeiro Pereira Veloso*²

RESUMO: A pedagogia social reflete criticamente sobre a práxis socioeducativa enquanto ação intencional que procura promover a capacitação subjetiva e cívica das pessoas e estabelecer laços sociais. Este artigo analisa a relação socioeducativa na ótica da dádiva. Inicialmente, procura-se conceptualizar a noção de dádiva, explicitando a sua estrutura de gratuidade e liberdade. De seguida, examina-se a forma como a dádiva, constituindo um operador privilegiado do laço social, estabelece a relação social. Finalmente, reflete-se sobre a relação socioeducativa como prática de relação de dádiva. Considerando a relação socioeducativa como uma experiência de educação, solidariedade e dádiva, procura-se esclarecer o alcance desta afirmação, explicitando-se a estreita ligação entre solidariedade e dádiva, no contexto da relação socioeducativa. A dádiva emerge, então, como uma noção com relevância no seio da pedagogia social.

ABSTRACT: The social pedagogy reflects critically on the socio-educational praxis as intentional action that seeks to promote civic subjective and training of people and establish social ties. This article analyzes the relationship in terms of their socio gift. Initially, we attempt to conceptualize the notion of gift, explaining the structure of its free, freedom and profound ethical significance. Then it seeks to examine how the gift, being a privileged operator in the creation of social ties, establishes a social relationship. Finally, we think about the relationship of socio-educational as a practical gift relationship. Considering that the socio-educational relationship is an educational, solidarity and donation experience, we

¹ O presente artigo baseia-se num trabalho de investigação efetuado no âmbito de uma dissertação de Mestrado em Ciências da Educação, especialização em Pedagogia Social, concluída na Universidade Católica Portuguesa.

² Mestre em Pedagogia Social. FEP-UCP.

attempt to clarify the scope of this statement, explaining the close link between solidarity and gift, in the context of socio-educational relationship. The gift emerges, for all this, as a notion of relevance within the social pedagogy.

Dádiva: uma estrutura de gratuidade e liberdade

Por dádiva entende-se a ação ou prestação de bens e serviços realizada sem expectativa ou garantia de retribuição e que visa a criação ou manutenção do laço social (Caillé, 2002a, 2002b). Desta definição resulta que a relação de dádiva constitui, fundamentalmente, uma relação de troca simbólica. Mais do que um determinado valor de troca ou de uso, a dádiva encerra um valor simbólico de vínculo, na medida em que expressa, alimenta ou reforça o laço social (Godbout, 1992)³.

A dádiva constitui-se na unidade de três momentos: dar, receber e retribuir⁴. Dar constitui um gesto generoso e incondicional que, mais do que suscitar ou exigir uma retribuição, convida à resposta. A lógica da dádiva é de profunda liberdade: o doador dá gratuitamente sem nenhuma obrigação e sem poder impor uma contradádiva; o donatário recebe livremente a dádiva e pode livremente decidir retribuí-la. Quando se estabelece uma dinâmica relacional, os parceiros envolvidos são, simultaneamente, doadores e donatários, isto é, verdadeiros sujeitos da relação. “O doador convida, provoca até, o donatário, não tanto a dar uma contrapartida, como a ocupar por sua vez a posição

³ Numa relação de troca económica, por exemplo, o bem ou serviço prestado é o objeto de todo o interesse. Pelo contrário, na relação de troca simbólica instaurada pela dádiva, o que circula é considerado um “desvio”, uma “causa acessória” (G. Simmel) uma vez que os sujeitos da relação não visam, em primeiro lugar, a “coisa dada” em si mesma, mas servem-se dela para estabelecer a relação, a amizade, a solidariedade.

⁴ A distinção destes três momentos é sobretudo analítica, uma vez que, na lógica da dádiva, dar é receber e é retribuir; receber é dar; retribuir é dar e receber. Querer dar na “pura” gratuidade pode esconder, mesmo que de forma inconsciente, intenções e dinâmicas que procuram criar dependências, construir uma relação de subordinação ou exercer um poder sobre o outro. A noção de subjetividade subjacente é a de autossuficiência e autoconsciência na qual o outro não é sujeito, mas objeto. Além disso, observe-se que dar e não querer receber compromete irreversivelmente a própria relação porque destrói a possibilidade de se estabelecer um autêntico encontro intersubjetivo.

de doador. Assim, dar para que o outro dê não é equivalente a dar para receber” (Lefort, cit. in Godbout, 1992: 265)⁵.

Porém, se dar sem esperar retorno é condição da dádiva e expressa a sua dimensão de gratuidade, dar sem supor que a dádiva não vá ser recebida não faz sentido. E a esperança de uma resposta é tão legítima quanto necessária para que se estabeleça o laço social.

Na verdade, a retribuição constitui um momento interno da relação de dádiva que resulta, essencialmente, da transformação pessoal que cada um dos sujeitos da relação experimenta. No encontro com o outro ocorre um processo de aprendizagem mútua.

A constatação fenomenológica de que numa relação se recebe mais do que se dá confirma a dinâmica da dádiva e a conseqüente presença de uma reciprocidade assimétrica. Observa-se uma dívida mútua positiva muito diferente daquela de natureza econômica. Trata-se, de facto, de uma dívida permanente, positiva, recíproca, que não diz respeito às coisas e serviços que circulam no interior da relação, mas que opera diretamente entre as pessoas e sobre o laço que se estabelece entre elas (Godbout, 1992).

Dádiva e laço social

A forma como se concebe a gênese do vínculo social influencia o modo como se pensa a sociedade e as formas de sociabilidade (Caillé, 2002a). De acordo com Alain Caillé, quer o individualismo metodológico quer o holismo são incapazes de pensar a gênese do vínculo social. O primeiro postula que tudo deriva dos interesses individuais; o segundo postula um vínculo preexistente à ação dos sujeitos sociais⁶.

⁵ Na relação de dádiva tudo o que circula possui um valor simbólico de vínculo. Porém, o que circula é também o que separa os sujeitos da relação e impede qualquer “fusão”: um é aquele que dá e outro é aquele que recebe; um é aquele que retribui e outro o que recebe em retribuição. Na sua função simbólica, a dádiva separa para unir. Cada sujeito da relação é insubstituível; um não é o outro; trocam-se dádivas, mas não lugares. E se ambos são doadores e donatários, estabelece-se uma relação sem subordinação e que preserva a liberdade e a intimidade das pessoas (Ricoeur, 2006).

⁶ Actualmente, existe um paradigma dominante que pode ser designado por vários nomes: individualismo metodológico, teoria das escolhas racionais, racionalidade instrumental, utilitarismo, *homo oeconomicus*. Embora essas múltiplas denominações apontem para diferentes aspetos do paradigma, há em todas elas um núcleo comum:

No individualismo metodológico, o princípio de explicação da acção humana e da dádiva é o interesse. Contudo, na relação de dádiva “a pessoa que dá não é capaz de satisfazer o seu próprio interesse a não ser observando a regra do dom que postula que a relação deve ser construída pelas pessoas que nela entram antes que estas possam tirar proveito dela” (Caillé, 2002a: 8). Isto revela uma lógica muito própria: pensar em termos de dádiva é, essencialmente, deixar de ver todas as coisas como instrumentos e meios ao serviço dos interesses pessoais.

Nenhuma relação verdadeiramente humana pode subsistir à pura condicionalidade. Sem a esperança plausível de que o outro é capaz de dar incondicionalmente o que for preciso em caso de necessidade, sem a confiança de que o outro esteja disponível para oferecer generosamente um apoio material ou afetivo, dificilmente alguma relação poderá formar-se ou manter-se. A incondicionalidade é condição para o desenvolvimento da confiança e da sociabilidade.

A dimensão de gratuidade da dádiva coloca a relação num registo de incondicionalidade. Isso não significa que a dádiva exclui o interesse por parte dos parceiros da relação, mas que a satisfação desse interesse ocupa um lugar secundário porque está subordinado à afirmação de cada pessoa se constituir a si mesma como pessoa na relação que estabelece com o outro. Na relação de dádiva há uma subordinação, positiva e normativa, dos interesses instrumentais ao “interesse” primordial e não instrumental de cada pessoa se manifestar como pessoa, sujeito de si, protagonista da sua vida. E porque não se

a explicação do sistema de produção e de circulação dos bens e dos serviços a partir das noções de interesse, de racionalidade e de utilidade (Godbout, 2002). Segundo Alain Caillé, este paradigma pode ser qualificado, de acordo com o ângulo de abordagem que se adote, como individualista, utilitarista, contratualista ou instrumentalista. Contudo, para o referido autor, a designação de utilitarismo é a mais satisfatória, caso se pretenda compreender este paradigma num sentido lato e “caracterizar o utilitarismo pela articulação de uma proposta positiva – os sujeitos da acção são os indivíduos que procuram maximizar racionalmente a satisfação dos seus próprios interesses ou preferências – e uma proposta normativa – é justo (bom, bem, certo) aquilo que concorre para a maximização do bem-estar do maior número possível de sujeitos” (Caillé, 2002a: 14). Pelo contrário, outras teorias partem da sociedade e de uma compreensão da totalidade social preexistente aos indivíduos e que determina a sua acção. Funcionalismo, culturalismo, institucionalismo e estruturalismo são algumas das correntes representantes desta postura aqui denominadas, de maneira ampla, por holismo (Caillé, 2002a).

estabelece uma relação com o outro apenas para dar ou obter alguma coisa, a ligação dar-retribuir é complexa e incapaz de ser explicada pelo modelo linear da racionalidade instrumental.

O holismo parte de uma totalidade social dada *a priori* que se impõe aos indivíduos e a ação humana expressa essa realidade sempre presente. O princípio de explicação desta ação é o da interiorização de normas, o que significa que o comportamento humano está muito determinado e restringido pela obediência a regras. Neste contexto, a dádiva é “dissolvida” na obrigação.

No entanto, explicar a dádiva nestes termos implica a existência de um vínculo preexistente à ação dos sujeitos, quando é exatamente a formação do vínculo social que deverá ser explicado no atual contexto social. Na verdade, a solidez dos vínculos sociais de outrora – tanto no seio do Estado Social, quanto nas instituições sociocomunitárias ou na própria família – deu lugar a uma progressiva dissolução dos laços afetivos e sociais. O desafio que resulta desta realidade consiste, exatamente, em discernir estratégias de mediação humana que promovam e recriem o estabelecimento de vínculos sociais. Vínculos que não são, portanto, nem naturais, nem redutíveis a uma autoridade ou contrato.

Marcel Henaff (2002) e Paul Ricoeur (2006) afirmam que a complexidade da formação do vínculo social e da relação de dádiva não deve sucumbir às explicações lógicas que reduzem a realidade social a um universo apreendido por regras e o comportamento dos indivíduos ao cumprimento de certas normas lógicas que os impelem a doar e a retribuir. A dinâmica da dádiva (dar-receber-retribuir) não deve ser explicada por uma lógica de reciprocidade que transcende os gestos concretos dos parceiros da relação mas, pelo contrário, precisa de ser compreendida a partir da relação estabelecida entre esses sujeitos. É fundamental considerar a “intenção imanente aos comportamentos” (Claude Lefort), a “mutualidade da dádiva” (Paul Ricoeur), isto é, as trocas que ocorrem *entre* os protagonistas da relação e que conduzem a um processo de reconhecimento mútuo.

A dádiva constitui um operador privilegiado da criação do vínculo social. Na perspectiva da dádiva, o vínculo social, bem como a construção da sociedade, nascem do conjunto das inter-relações que ligam os indivíduos e os transformam em sujeitos propriamente sociais. A dádiva constitui uma noção de antropologia prática: pela sua me-

dição simbólica, o sujeito conquista a própria subjetividade na relação que constrói com o outro: “A ideia segundo a qual a dádiva deve ser retribuída supõe que outrem é um outro eu (...) e esse gesto retribuído deve confirmar para mim a verdade do meu próprio gesto, isto é, a minha subjetividade (...), os homens confirmando uns aos outros que eles não são coisas (Lefort cit. in Ricoeur, 2006: 240-241).

Deste modo, a dádiva emerge como uma noção com pertinência e relevância no seio da pedagogia social, compreendida como uma filosofia de ação orientada para a promoção de laços sociais significativos entre as pessoas e comunidades e assumindo-se, nesta aceção, como uma antropologia prática ligada a valores humanistas de carácter relacional (Baptista, 2008).

A relação socioeducativa como prática de relação de dádiva

A pedagogia social configura um saber que, num sentido amplo, engloba todas as práticas de intervenção social subordinadas a uma intenção pedagógica. Estabelece um conhecimento construído na interface entre as áreas da educação e da solidariedade social, refletindo criticamente sobre a práxis socioeducativa, isto é, a ação intencional que procura promover a capacitação subjetiva e cívica das pessoas e estabelecer vínculos sociais (Baptista, 2008).

A relação socioeducativa constitui uma experiência de educação, de solidariedade e, como se procurará explicitar, uma experiência de dádiva. Importa pois esclarecer o alcance desta afirmação, explicitando-se a estreita ligação entre solidariedade e dádiva, no contexto desta relação.

Solidariedade e justiça estão indissolúvelmente associadas, no interior da relação socioeducativa. Na verdade, o educador deve agir em favor da justiça devida a quem é portador de uma dignidade absoluta. Só vinculando a realização da justiça à solidariedade se pode impedir a compreensão desta última como um mero “sentimento”.

Agir em favor da justiça significa conferir ao outro “o seu”, isto é, o direito de ser sujeito, ser com liberdade, interioridade e dignidade invioláveis. A justiça rege-se pelo princípio da igualdade, mas de uma igualdade complexa, já que procura conceder a cada um aquilo que lhe é devido, considerando as suas circunstâncias, os meios e as suas características individuais. De facto, não existe justiça nem solidarie-

dade sem direito ao nome, à memória, ao sonho, à palavra e à capacidade de cada um assumir o seu lugar no mundo.

Não basta, porém, a justiça na relação socioeducativa, como não basta na construção de uma sociedade verdadeiramente humana. Por isso, o amor será sempre necessário já que “não há qualquer ordenamento justo que possa tornar supérfluo o serviço do amor” (*Deus caritas est*, 28) e, deste modo, “nunca haverá uma situação onde não seja precisa a caridade de cada um dos indivíduos, porque o homem, além da justiça, tem e terá sempre necessidade do amor” (*ibidem*, 29).

Dar, enquanto gesto generoso e incondicional, instaura a dinâmica de dádiva e exprime uma exigência que brota da responsabilidade do eu diante do outro. Responsabilidade que, centrada nas necessidades do outro, se traduz em atitudes de generosidade e amor. Este “excesso de dom” liberta a ação humana da esfera do egoísmo e traduz a capacidade de transcendência do ser humano e de transformação das relações sociais.

Na relação socioeducativa, estabelecer uma relação com o outro exige que o educador dê o melhor de si, transformando a sua ação numa experiência em que se dá a si próprio.

A generosidade e o amor iluminam a justiça, não a substituem nem a dispensam. Pelo contrário, integrando a justiça e a generosidade/amor, não como realidades justapostas, mas intimamente ligadas e mutuamente implicadas, a relação socioeducativa poderá constituir uma relação onde a solidariedade adquire efetiva qualidade ética e o educador é capaz de dar algo de si próprio para enriquecer o outro.

A relação socioeducativa revestida pelas dimensões da generosidade, gratuidade e liberdade, isto é, construída na experiência de dádiva, estabelece um modo muito próprio de trabalhar com e para as pessoas. Enquanto relação de dádiva, a intervenção socioeducativa está orientada pela justiça, inspirada numa lógica da equivalência, mas também pela generosidade, baseada numa lógica da gratuidade.

Relação de dádiva numa instituição particular de solidariedade social

A dádiva constitui uma forma de estabelecer vínculo social, vínculo que nasce das inter-relações que ligam as pessoas e é mediado pelo que circula sob a forma de dádiva, isto é, pela intenção e significação

atribuídas pelas pessoas ao que circula (mediação simbólica intersubjetiva). Deste modo, para descortinar e analisar uma relação de dádiva é fundamental conhecer o significado dado às formas concretas da ação, o mesmo é dizer, à forma como o humano vive esta realidade no concreto da sua existência. Refletir sobre a dádiva implica entrar no seu universo. A dádiva é uma reflexão possível a partir da experiência partilhada por aqueles que a vivem. Trata-se de buscar, sob as trocas e os serviços, a dádiva; sob as relações que se estabelecem, a presença da dádiva como indicador e catalisador dessas relações e da sua qualidade humana.

No âmbito de um estudo sobre a relação de dádiva⁷ procurou-se, entre outras coisas, verificar se as marcas da dádiva estavam presentes na relação socioeducativa realizada no Instituto Monsenhor Airoso (IMA)⁸. Neste artigo dá-se conta de uma das questões de investigação estabelecidas no referido estudo: No Instituto Monsenhor Airoso a relação socioeducativa está baseada numa relação de dádiva?

Dada a problemática em estudo – investigar formas de comportamento, intenções, percepções e dados subjetivos – optou-se por uma pesquisa de carácter qualitativo. A entrevista semiestruturada foi a técnica escolhida para a recolha de informações. Foram realizadas vinte e três entrevistas a educadoras e educandas do IMA. Na Tabela 1 são apresentados, a título ilustrativo, alguns dados empíricos e breve análise na perspectiva da dádiva.

⁷ Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação, Especialização em Pedagogia Social: *A dádiva numa instituição de solidariedade social de inspiração cristã*, Faculdade de Educação e Psicologia UCP – Porto, 2011.

⁸ O Instituto Monsenhor Airoso (IMA) foi fundado pelo Padre João Pedro Ferreira Airoso, em Braga, no ano de 1869. É uma Associação de fiéis, ereta em pessoa jurídica canónica pública e IPSS desde 30 de Março de 1982. Atualmente, o IMA está organizado em três valências: Lar de Crianças e Jovens, Lar Residencial e Lar de Idosas. As adolescentes e jovens acolhidas no Lar de Crianças e Jovens provêm de todo o território nacional e de países lusófonos. Foram, na maioria das vezes, vítimas de variadas agressões, de negligência e de sucessivos abandonos e rejeições, quer das respetivas famílias, quer de outras respostas sociais – famílias de acolhimento ou outras instituições. O Lar Residencial acolhe senhoras com deficiência e sem retaguarda familiar. O Lar de Idosas acolhe senhoras, na sua maioria provenientes do Lar Residencial do IMA ou directamente do exterior, também elas sem qualquer apoio familiar.

Tabela 1 – Dados obtidos nas entrevistas às educadoras e educandas do IMA e breve análise na perspectiva da dádiva

Dados empíricos relativos à relação socioeducativa	A análise dos dados empíricos permite observar:
<p>“Ajudo na construção do projeto de vida das jovens, na adaptação ao processo de institucionalização e ao nível da psicologia e da saúde mental.”</p> <p>“É preciso escutar, dar atenção, realizar pequenos gestos.”</p> <p>“O meu trabalho passa pela preocupação com a sua escolarização, procura de ofertas formativas, apoio ao estudo.”</p> <p>“Dar afeto. Quando isso acontece, o trabalho é mais fácil e cria-se uma relação.”</p> <p>“O acompanhamento individual passa por várias áreas: motivação para o estudo, reflexão sobre atitudes e comportamentos e valores.”</p> <p>“Há pequenas grandes retribuições quando percebo que as jovens estão bem na sua vida lá fora.”</p> <p>“A retribuição ocorre sobretudo a médio e longo prazo.”</p> <p>“Passo a vida a aprender com elas [as educandas].”</p> <p>“No momento em que intervenho, já me sinto retribuída.”</p> <p>“Nas situações de sucesso é gratificante observar como elas [as jovens] passam a ver as coisas de um modo diferente e conseguem, aos poucos, perspetivar o seu futuro. Nessas situações o meu trabalho valeu a pena e deixa-me contente.”</p> <p>“A retribuição é sobretudo de ordem afetiva, nomeadamente no carinho que recebo das pessoas com quem trabalho.”</p>	<p>Presença de serviços de carácter técnico e apoios afetivos.</p> <p>A existência de retribuição de ordem afetiva ou como resultado do sucesso da intervenção.</p> <p>Retribuição imediata (no próprio gesto de dar) ou a médio/longo prazo.</p> <p>A presença de um “dar e receber mútuos” e de sentimentos de gratidão.</p> <p>A percepção positiva em relação às mudanças operadas na vida das educandas.</p>

<p>“Aprendi com elas [educadoras] a saber traçar objetivos para a minha vida.”</p> <p>“Sinto-me com autonomia e com capacidade para viver lá fora.”</p> <p>“Há grande preocupação com os estudos, somos estimuladas a ir mais longe, a evoluir sempre.”</p> <p>“Muda a maneira de estar na vida, visível na forma mais ajustada como elas se relacionam com as pessoas.”</p> <p>“Há jovens que adquirem competências adequadas e as relações tornam-se menos impulsivas. Conseguem desenvolver um projeto de vida.”</p> <p>“Há uma grande mudança ao nível das expectativas escolares e uma maior valorização da escola.”</p> <p>“Há muitas mudanças, a começar pelo modo como as jovens passam a encarar a vida. Passam a encarar o futuro com esperança e como algo diferente, para melhor.”</p> <p>“O que nós fazemos é plantar sementes e em alguns casos há resultados positivos: as pessoas autonomizam-se.”</p> <p>“As pessoas que trabalham aqui tentam dar o seu melhor.”</p> <p>“Este trabalho é uma missão, exige doação.”</p> <p>“Dar permite outra perspetiva para a vida.”</p> <p>“O que ajuda muito o meu trabalho é gostar das pessoas e procurar colocá-las acima de tudo.”</p> <p>“Para trabalhar no IMA é necessário trazer a afetividade, é preciso pensar com o coração e a cabeça.”</p> <p>“Muita gente encara o trabalho como um serviço, uma missão e doam-se à causa. Há ideal.”</p> <p>“Quando estamos a trabalhar, ou nos entregamos ou então não estamos...”</p> <p>“Não é possível estar aqui sem amor. Isso é impensável num trabalho como este.”</p> <p>“Elas percebem que gostamos delas porque damos o litro, nunca desistimos delas, tentamos sempre ajudá-las. Elas são importantes para mim porque gosto de estar com elas, gosto do trabalho que faço, vivo intensamente as suas mudanças.”</p>	<p>A consciência de que a relação socioeducativa busca realizar a progressiva autonomia das educandas num clima de diálogo e corresponsabilidade.</p> <p>A compreensão da intervenção socioeducativa enquanto uma missão que exige disponibilidade, espírito de serviço, entrega e amor.</p> <p>Uma personalização da relação, um envolvimento pessoal que determina a qualidade da relação.</p>
--	--

<p>A grande importância dada à relação, à responsabilidade pessoal e ao compromisso com o outro.</p>	<p>“Quando se entra na rede social e familiar das jovens sentimo-nos mais perto delas e os laços tornam-se fortes.”</p> <p>“As jovens formam um grupo coeso, que apoia o IMA, sente orgulho no IMA, lá fora veste a camisola do IMA.”</p> <p>“As pessoas que aqui vivem sentem que esta é a casa delas, por isso os serviços que prestamos aqui são de muita responsabilidade.”</p> <p>“As atividades comuns a toda a casa ajudam a criar um sentido de comunidade.”</p> <p>“As pessoas que trabalham nesta casa têm uma grande responsabilidade porque são modelos. Não podemos exigir nada que nós próprios não soubermos dar, fazer e viver.”</p> <p>“O diálogo é fundamental para estabelecer as condições que permitam um bom relacionamento entre todos e um equilíbrio entre os direitos e os deveres de todos.”</p> <p>“A forma como estamos perante as pessoas é muito importante e marca-as. Elas devem sentir que estamos com elas de corpo inteiro, que estamos com elas para as escutar, que é por elas que aqui estamos.”</p> <p>“Estabelece-se uma relação de proximidade, somos companheiras, ajudamos nas dificuldades, ajudamos a fazer um caminho diferente do que tinham.”</p> <p>“No meu trabalho estabelece-se um sentimento de pertença e entreaajuda.”</p> <p>“Observo que as jovens mais velhas ou mais maduras ajudam as outras de forma espontânea e natural.”</p> <p>“Saber ouvir e respeitar as opiniões dos outros, sobretudo daquilo que as jovens têm para dizer.”</p> <p>“É necessário ter paciência, compreensão, empatia e procurar recusar uma abordagem repressiva.”</p> <p>“Responsabilidade e respeito mútuo são valores fundamentais.”</p> <p>“As mudanças começam quando as jovens são capazes de partilhar o que correu bem e o que correu menos bem, durante o dia.”</p>
--	---

Conclusão

O nosso tempo assiste à emergência do ser humano como sujeito de si, alguém que é autor da sua vida. Ser sujeito de si significa ser sujeito para si, para os outros e perante os outros (Carvalho e Batista, 2004). A relação de dádiva tem a sua razão de ser na abertura ao outro e na esperança de uma resposta. Neste movimento, porém, é fundamental reconhecer que o outro é também sujeito de si, um ser que, tal como eu, deve ser protagonista da sua vida. O respeito pelo outro, investido desta dignidade, obriga que a construção da relação esteja assente em atitudes de dádiva e não numa afirmação individualista e utilitarista.

A relação socioeducativa enquanto prática de relação de dádiva constitui um modo próprio de ser com e para as pessoas, colocando, efetivamente, no centro da intervenção as pessoas, acolhidas na sua vulnerabilidade e reconhecidas na sua perfetibilidade. A imensa responsabilidade desta ação obriga que os educadores ajam com competência e profissionalismo, mas também com capacidade de entrega pessoal, generosidade e gratuidade.

Articulando de forma estreita competência técnica e relação de dádiva, a relação socioeducativa emerge como um espaço relacional de profunda liberdade e criatividade, de decisão e ação, num ambiente de diálogo e corresponsabilidade. Deste modo, é possível construir, verdadeiramente, uma relação entre sujeitos.

Referências bibliográficas

- Baptista, I. (2008). *Pedagogia Social: Uma ciência, um saber, uma filosofia da acção. Cadernos de Pedagogia Social*, 2, 7-30.
- Bento XVI. (2006). *Carta Encíclica Deus Caritas Est. Deus é Amor*. Braga: Editorial Caillé, A. (2002a). *Antropologia da dádiva*. Petrópolis: Editora Vozes.
- _____ (2002b). *Dádiva e Associação*. In Paulo Henrique Martins (Org.), *A Dádiva entre os Modernos, discussão sobre os fundamentos e as regras do social* (pp. 191-205). Petrópolis: Editora Vozes.
- Carvalho, A. D., Baptista, I. (2004). *Educação Social. Fundamentos e Estratégias*. Porto: Porto Editora.
- Godbout, J. (1992). *O Espírito da Dádiva*. Lisboa: Instituto Piaget.